



PERCEPÇÃO AMBIENTAL E IMAGINÁRIO DO PARAÍSO DE MORADORES DO MUNICÍPIO DE JARDIM/MS

Andréia Aparecida Marin
Haydée Torres Oliveira
Vito Comar

RESUMO

O imaginário sobre o *Paraíso* está enraizado em todas as culturas humanas, embora com algumas variações. Essas imagens induziram o ser humano, ao longo de toda a sua história, à nostálgica interação com a natureza e à busca do "*ambiente ideal*". No presente trabalho, investigamos as imagens sobre o *Paraíso* de moradores de uma cidade turística - Jardim/MS, Brasil. O estudo foi desenvolvido através de pesquisa participante com a coleta de relatos orais sobre a idéia de *Paraíso*. As imagens reveladas demonstram um profundo embasamento na tradição judaico-cristã. As características atribuídas ao espaço habitado são estreitamente identificáveis com o *Paraíso* perdido enraizado no imaginário universal, influenciando com clareza a apropriação do espaço pelos moradores e a busca de contato pelos visitantes. Essa associação com a imagem do *Paraíso*, geradora de interações nostálgicas com o lugar, é um importante instrumento de sensibilização ambiental e de conservação da paisagem.

Palavras-chave: Imaginário; Percepção Ambiental; Paraíso; Topofilia.

ABSTRACT

Even with some variations, the imagery connected with *Paradise* has deep roots in all cultures. These idealized images have induced human beings throughout history to a nostalgic interaction with nature and to the search for the "*ideal environment*". In this paper, we investigate the imagery on *Paradise* of local population of a tourist town - Jardim/MS, Brazil. The study was based on a collection of verbal stories on the ideal *Paradise* by the methodological approach of participatory research. The disclosed imagery demonstrates a deep foundation in the Jewish-Christian tradition. The characteristics to the inhabited space are clearly identifiable with the lost *Paradise*, embedded in the universal ideal imagery. This has a distinct influence in the appropriation of space by the town's population and the search for contact of the visitors. This association with the imagery of *Paradise* represents a powerful instrument for environmental sensibilization and for landscape conservation practices, as it generates nostalgic ties with the scenic spot.

Keywords: Imagery; Environmental Perception; Paradise; Topophilia.

PERCEPÇÃO AMBIENTAL E IMAGINÁRIO DO PARAÍSO DE MORADORES DO MUNICÍPIO DE JARDIM/MS *

1. Introdução

A preocupação com a deterioração dos ambientes naturais é crescente nas sociedades contemporâneas. Na busca de alternativas que freassem essa tendência, detectou-se a necessidade de se trabalhar com o eixo gerador dessa degradação - o deslocamento do ser humano de sua pertença ao ambiente natural -, do que resultam ações antrópicas impactantes.

O entendimento dessa interação do ser humano com a natureza, pode ser alcançado mediante o estudo da percepção ambiental do meio ambiente, sendo que muitas pesquisas vêm sendo desenvolvidas com esse intuito. Inclui-se, nessa perspectiva, nosso estudo sobre a percepção ambiental dos moradores da cidade turística de *Jardim/MS*, Brasil. Esses estudos geralmente giram em torno da análise de discursos sobre aspectos conceituais de meio ambiente e interpretação de fenômenos naturais. Ocorre que a percepção, no nosso entendimento, não se constrói somente com a base sensitiva-materialista de apreensão do mundo, mas com a nítida influência de um arcabouço idealista, que abriga o imaginário humano. Nesse contexto, procuramos concentrar nossas reflexões na importância do imaginário sobre o paraíso na interação do homem com o ambiente, uma vez que esse termo é freqüentemente associado ao lugar onde foi desenvolvida a presente pesquisa.

Na situação de nosso estudo, existem duas realidades distintas merecedoras de atenção especial: a do morador, nativo ou migrante, que ganha enfoque em nossas reflexões, e a do visitante. Ao buscarmos congruências e similitudes entre o papel motivador do imaginário de paraíso na apropriação do espaço pelo morador, ou na busca de contato com o espaço pelo visitante, nos deparamos com dois outros fatores de influência, intrínsecos ao comportamento humano: a *topofilia* e a *biofilia*, ambos associados à ligação com o "ecos" - a casa. A topofilia representa a ligação com os aspectos físicos do lugar (TUAN, 1980), enquanto a biofilia é a atração que as coisas vivas, os demais componentes da natureza, exercem sobre o humano (WILSON, 1984).

O presente trabalho é, portanto, o esboço de um caminho reflexivo pelo efeito interativo que esses três caracteres da construção do ser humano - imaginário, biofilia e topofilia - exercem sobre as configurações simbólicas e representativas de meio ambiente. As discussões desenvolvidas incluem o relato de Thoreau sobre seu isolamento nos bosques, dentro da perspectiva do ascetismo romântico, e das considerações reflexivas de Bachelard e Eliade sobre imaginário.

2. Objetivos

O objetivo do presente trabalho foi estudar a percepção ambiental dos moradores da cidade turística de Jardim/MS, Brasil. Desse estudo da percepção, depreende-se os objetivos específicos:

1. identificar a imagem do paraíso na visão que os moradores tem do seu ambiente e analisar sua importância na apropriação do espaço;
2. estudar a influência da topofilia/biofilia, e da sua relação com o imaginário do Paraíso, na interação do ser humano com o ambiente.

3. Metodologia

O local da pesquisa foi o município de *Jardim/MS-Brasil* (Fig.1), cidade turística localizada na região centro-oeste, próxima a *Serra da Bodoquena*, caracterizada pela presença de rios de águas cristalinas e de várias grutas, devidas à formação cárstica predominante. Tal região tem sido alvo de recentes campanhas de preservação ambiental que, associadas ao desenvolvimento turístico sustentado, têm permitido a minimização de impactos e a manutenção das características originais do bioma local. O município abriga uma população de 20570 habitantes numa área total de 2208Km².

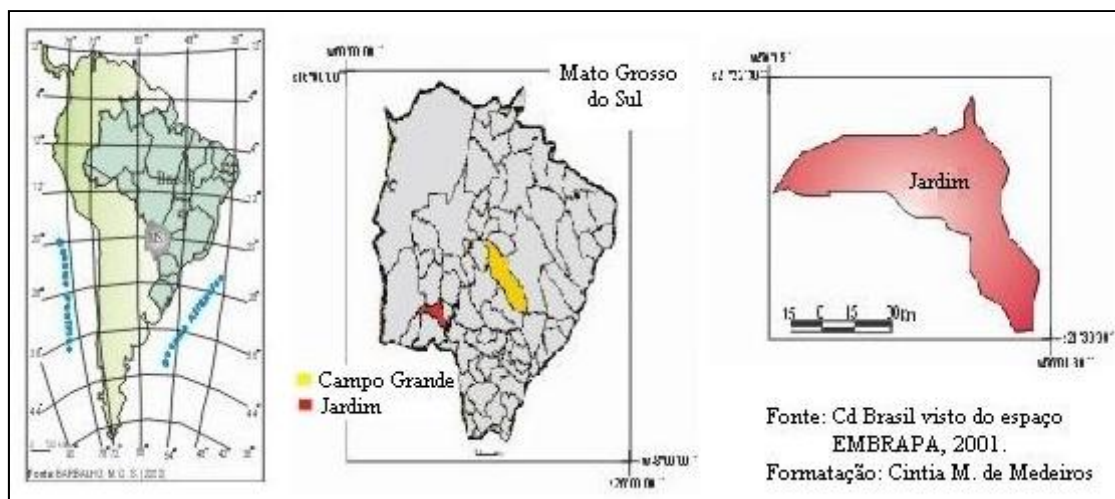


Figura 01. Localização do Município de Jardim - MS

O público envolvido está representado por moradores (nativos e migrantes) das zonas rural e urbana do município. Na zona rural, os atores estão representados por sete proprietários, cinco administradores e dez moradores das fazendas, totalizando vinte e dois indivíduos. O número de sujeitos da cidade foi de quarenta atores, sendo nove professores, nove alunos, dez representantes de bairro, cinco líderes religiosos, sete pessoas ligadas ao histórico da cidade.

A pesquisa foi desenvolvida através da metodologia da pesquisa participante, dentro da conceituação e caracterização de BRANDÃO (1987), em que o pesquisador

se envolve com as comunidades humanas pesquisadas, incorporando-as ao processo de produção do conhecimento.

A percepção ambiental e o imaginário do *Paraíso* foram estudados através da coleta de relatos orais (depoimentos), onde se entrevistava eventualmente no sentido de direcionamento para elementos que revelassem indícios de relação topofílica com *Jardim* e para a descrição de imagens consideradas paradisíacas. A metodologia está fundamentada em Queiroz (1988), que defende o método do relato oral como forma de captar intacta a totalidade dos ângulos que apresenta um fato, sua riqueza de detalhes, o cotidiano e as opiniões e valores que possibilitam a construção de um diagnóstico preciso. Em alguns casos, onde não se evidenciou no discurso a clareza da imagem, lançou-se mão de métodos alternativos: a solicitação de descrição do paraíso e/ou a sua representação gráfica (mapa mental).

4. A Imagem do Paraíso

O mito do *Paraíso* está cristalizado no imaginário da humanidade desde o início da idade antiga, tendo sido reforçado principalmente pela tradição judaico-cristã. De acordo com Eliade (1991), a nostalgia do *Paraíso* é universal, ainda que suas manifestações variem quase indefinidamente.

Quando imaginamos um paraíso, estamos recompondo elementos, já percebidos e contextualizados no nosso universo de significação, na construção de uma paisagem perfeita, que acaba por aguçar ainda mais nossos sentidos na busca de experiência corporais com ambientes identificados com o imaginado. No pensamento bachelardiano, a imaginação tem papel de grande importância na medida em que estimula a composição de imagens belas que superam a realidade restrita do percebido. Existe uma interdependência intrínseca na relação do imaginário com a percepção do real; no momento da leitura dos sentidos, o universo imaginário que, mesmo não tendo *validade para o real* (CASTORIADIS, 1999), mas significado, direciona o ato perceptivo e se dilui nas informações que chegam puras ao racional humano.

O potencial que o mito e os símbolos têm de sobrevivência ante as correntes racionalistas se baseia no fato de estarem embasados na espiritualidade, dimensão que o ser humano não conseguiu livrar do mistério e da nostalgia. Foucault (1999) destaca o tênue limite entre o racional e o ideal, associando à constituição dos conhecimentos do século XVI, uma mistura instável de saber racional e de noções derivadas das práticas da magia.

A tradição medieval, caracterizada por uma apreensão constante e retilínea do real, assim como as culturas árabe e cristã, se aliou ao mundo clássico *"povoando o céu de imagens onde se transfiguram, ganham forças novas, as crenças mitológicas da antiguidade"* (HOLANDA, 1994:2). Esse movimento de retorno ao imaginário culmina em ressurgimentos temporalmente pontuais, porém com expressiva força, na idade moderna e numa reconquista que se firma a cada momento na pós-modernidade.

A apreensão do real não se dá, portanto, puramente pela via materialista, mas através da intervenção do espírito humano, com todas as suas recriações. Para Cassirer (2001: 39), *"não apenas a ciência, mas também a linguagem, o mito, a arte e a religião caracterizam-se pelo fato de nos fornecerem os materiais com os quais se*

constrói, para nós, o mundo do real". A função do espírito humano é associar aos fenômenos interpretados um determinado "significado", um conteúdo ideal particular.

Merleau-Ponty (1999) racionaliza a significação dos fenômenos, de maneira que a diferença entre o observável e o sonho só encontra elucidação na conversão reflexiva. O imaginário é tido como "*fantasmas que não têm nenhuma consistência*", objetos que ganham forma através do pensamento organizador. Para Castoriadis (*op cit*), no entanto, a percepção não pode ser separável da imaginação radical, ainda que não possa ser reduzida a esta. A coisa percebida, tanto quanto o pensamento, é criação do imaginário radical sócio-histórico.

A imagem nostálgica do paraíso se mantém, dessa forma, enraizada na subjetividade humana, possibilitando uma expressão muito mais intensa que qualquer descrição racional poderia alcançar.

No presente estudo, os relatos apresentados pelos participantes confirmam a relação de semelhança do local com a imagem do paraíso. Destacamos dessa relação, conforme ilustra o Quadro I, categorias agrupadas em características do meio ambiente (físicas, biológicas e espirituais) e aspectos da relação do ser humano com o lugar (simbolismos religiosos, interação nostálgica e topofília):

Quadro 01. Características de paraíso terrestre e paraíso etéreo citadas em descrições e em representações gráficas.

ASPECTOS	PARAÍSO TERRESTRE	CARACTERÍSTICAS COMPARTILHADAS	PARAÍSO ETÉREO
materiais: físicos	céu azul cachoeiras montanhas terra cultivada chuva por do sol	água rios colorido	luz, claridade planície parque ausência de formas (azul total/multicolor)
materiais: biológicos	animais muitos peixes	vegetação exuberante flores pássaros	animais antropomorfizados árvores frutíferas (macieiras)
espirituais		tranquilidade liberdade descanso	sem morte anjos voz de paz
interativos (humanos)	abrigo longe de tudo (isolamento) pouca gente		amor pessoas reunidas sem violência sem fome

4.1. Paraíso Etéreo e Paraíso Terrestre

O relato bíblico sobre o *Paraíso* é, com certeza, um importante gerador da força da imagem no mundo de representações da civilização ocidental. Não é, porém, o ponto de origem do mito, uma vez que este já estava consolidado desde a antiguidade clássica. Fazemos uma breve reconstituição da evolução histórica do imaginário.

Aoun (2001) destaca a existência no conjunto de livros sagrados da Pérsia (*Avesta*), um mito de *Paraíso*, como lugar de perfeição, clima suave e árvores mágicas, incluindo a árvore da vida de onde nasce uma água generosa. No legado greco-romano, o paraíso se encontra, inicialmente, remetido a um tempo passado não mais

alcançável e, na idade dos heróis, deslocado para as ilhas como morada privilegiada nos confins da terra.

A imagem dos *Campos Elíseos* consolidada na idade de ouro virgiliana, expressa no paganismo, atrelava-se a uma materialidade perfeitamente possível. Apesar dessa natureza corporeificante, acabou se infiltrando na visão de paraíso das sagradas escrituras, miscigenação possível somente em função da sua origem essencialmente idealista, como nos coloca Holanda (1994): "*por mais corpóreo que o pintem, não deixava ele de ser, nas primeiras descrições, uma realidade imaterial e etérea, quase incompatível com as contingências dessa vida terrena.*"

Aoun (*op cit*) extrai a imagem de *Campos Elíseos* das obras *Odisséia* de Homero e *Eneida* de Virgílio, como morada de almas virtuosas, onde reina a concórdia, a paz, as paisagens encantadas, eternamente refrescadas por brisas suaves, e onde não há neve e tempestade.

A tradição judaico-cristã adota, no relato bíblico, uma imagem de paraíso também como um jardim, fértil e belo, livre de doenças e tristezas, com grande variedade de plantas, onde a água é pura e os animais, antropomorfizados, convivem em perfeita harmonia com o homem. O jardim ganha denominação própria - *Éden* - que significa planície e evoca a idéia de delícias (nota de rodapé, Gn 2, Bíblia Sagrada): "*...o Senhor tinha plantado um jardim no Éden, do lado do Oriente, e colocado nele o homem que havia criado*" (Gn 2, 8).

Ao excluir o ser humano do *Éden*, a tradição judaico-cristã gerou a configuração dos dualismos paralelos aos opostos bem e mal: perfeito acordo entre as criaturas contra a dissipação da harmonia entre os viventes; as delícias e a árvore da vida contra a dor e a morte.

O *Paraíso* bíblico, dessa forma, se contrapõe à possibilidade de acessibilidade do paraíso presente na tradição antiga. Aristóteles descreve a descoberta pelos cartagineses de uma ilha desabitada com espessas florestas, cortadas de muitos rios e abundantes frutos de várias espécies, a qual atribuíram a imagem do paraíso. As ilhas oceânicas são historicamente associadas ao paraíso, o que se pode exemplificar pelo *Arquipélago Afortunadas* a oeste do *Estreito de Gibraltar* e a versão poética da lenda do horto das *Hespérides*, adotada pelos povos navegadores (gregos/fenícios) até os grandes descobridores (HOLANDA, *op cit*).

O principal contraste entre as diferentes imagens do Paraíso está, portanto, na afirmação ou negação da materialidade, da existência terrena do paraíso. No caso da aceitação dessa existência, a acessibilidade é outro ponto de divergência. Na própria narrativa bíblica, o paraíso passa progressivamente de uma visão inatingível, instaurada quando da expulsão do ser humano do *Éden*, para uma representação de terra prometida, espelhada da narrativa do êxodo do povo hebreu, à conquista de um lugar onde "emana leite e mel".

A visão do *Paraíso* ao alcance do homem tornou-se predominante a partir do desenvolvimento tecnológico que permitiu aos homens as grandes navegações, os descobrimentos de terras a princípio insondáveis, em pontos de grandes altitudes na Ásia e terras com vegetação exuberante no além-mar. Não obstante, embora o positivismo tenha colocado o homem racional acima e à diante de toda a via de apreensão do espaço, muito do mito continuou a impulsionar o consciente coletivo. Holanda (*op cit*, p.13), nos ilustra essa realidade com o detalhamento dos fatos inerentes à época dos grandes descobrimentos: tão forte era o imaginário do paraíso convivendo firmemente com o racionalismo humano que, "*ao tempo de Colombo, a crença na proximidade do Paraíso Terreal não era apenas uma sugestão metafórica ou uma passageira fantasia, mas uma idéia fixa...*" A imagem do Paraíso estava presente não somente na tradição dos grandes navegadores portugueses, mas também em

vários outros povos, como os judeus e muçulmanos, sendo evidenciável em livros de recreio, descrições de viagem, obras cartográficas e artes religiosas.

O confronto entre *paraíso material e imaginário* marcou durante muito tempo o imaginário de diferentes tradições. Uma adequação, no entanto, se desenvolveu, dentro do império do pensamento cartesiano na cultura ocidental e, a despeito do caráter idealista do objeto, pressupôs a adoção de um dos principais aspectos do positivismo: o pensamento dualista. Assim como para outras dualidades, o *paraíso terrestre* se separou do *paraíso etéreo* e ambos mantiveram sua possibilidade de existência em dimensões apartadas, com características particulares redefinidas. Nessa reconstrução, o paraíso etéreo perde todos os aspectos indesejáveis do meio ambiente terrestre, como a escuridão, as tempestades e os desertos (Quadro I). Essa sistematização sintoniza com a divisão cartesiana da natureza apresentada por Merleau-Ponty (2000): no divino (*naturante*) se refugia tudo o que é interior ao estado da natureza, isento do pecado, ao passo que o a exterioridade se aplica ao *naturado*, à parte da natureza apartada do bem.

Cria-se, portanto, o espaço do *Paraíso* bíblico, localizado numa dimensão espiritual pós-morte, enquanto o *paraíso terreno* ganha um significado de semelhança, porém não identidade, com o primeiro. Dessa maneira, embora características como paz e tranqüilidade são buscados no *paraíso material*, faltam-lhe componentes divinizados e a total harmonia entre as criaturas, fatores presentes somente no plano etéreo.

Foucault (1999) apresenta a consolidação da categoria do microcosmo, reanimada no Renascimento, que pode evidenciar ainda mais a adequação dessa imagem dual. Ela indica que existe um grande mundo e que seu perímetro traça o limite de todas as coisas criadas. Na outra extremidade, existe uma criatura privilegiada que reproduz, nas suas dimensões restritas, a ordem imensa do céu, dos astros, das montanhas, dos rios e das tempestades; e que é entre os limites efetivos dessa analogia constitutiva que se desenvolve o jogo das semelhanças. Essa semelhança só aparece em virtude da imaginação e esta, em troca, só se exerce apoiando-se naquela.

No contexto do presente trabalho, a associação de semelhança do lugar com o paraíso etéreo, revelada tanto nos depoimentos quanto nas descrições e representações gráficas, se restringe a características com possibilidade de existência no plano real. *Jardim* reflete a imagem do paraíso, com muitas belezas naturais, a generosidade dos corpos d'água e a natural mágica que essas características inspiram.



(Lagoa Misteriosa -
www.freeway.tur.br,ed.Zurückk,22/08/03)



(Nascente do Rio da Prata -
www.riodaprata.com.br,22/08/03)



(Praça central-
www.freeway.tur.br,ed.Zurückk,22/08/03)



(Santuário do Prata -
www.freeway.tur.br,ed.Zurückk,22/08/03)

*Tudo, esse cerrado, os rios, animais,
e o céu mais bonito do mundo... É paradisíaco mesmo...
(Ilzo, falando sobre o que há de mais bonito no lugar)*

*O Rio da Prata, pela qualidade da água, quando você chega é um
lugar mágico, um paraíso, a Lagoa Misteriosa, Buraco das Araras...
(Antonio Carlos, guia turístico)*

Além das particularidades apreendidas pela via sensitiva (visual), o belo e o mágico despertam a relação nostálgica com o lugar, abrindo caminho para a imaginação:

*A gente brincava de boneca de baixo das árvores, subia muito
nas árvores, comia os frutos das árvores, a gente ia pro rio
brincar, tomar banho, era um paraíso, gostoso demais.
(Geralda, relatando a infância)*

*Quando eu cheguei perto do Rio da Prata, eu
fiquei louco de tanta beleza... Um paraíso mesmo!
(Jair, morador de fazenda no Rio da Prata)*

*Você olha, acha muito lindo, a transparência da água,
os peixes, o contato com a natureza é fascinante,
um verdadeiro paraíso...
(Maria Conceição, sobre o contato com o Rio da Prata)*

*Nossa! Foi magnífico. Eu não acreditei quando eu vi...
Parecia o paraíso... Eu já era grande,
foi quando eu fui para trabalhar, muito lindo!
(Sandro, descrevendo o primeiro encontro com o Rio da Prata)*

Atualmente, a localização do paraíso terrestre se amplia, apesar das ilhas continuarem fortemente associadas ao conceito, para qualquer lugar onde se identifiquem as características a ele associadas, como a presença de águas límpidas, vegetação intacta, beleza cênica e que ofereça contato com animais. Um grande número de pessoas tem atendido às suas necessidades de deslocamento em busca do paraíso perdido, intensificando seu hábito de viajar. Muitos mascaram seu intento com

a busca de aventura, principalmente nos esportes de ação, mas todos exigem paisagens naturais inusitadas, belíssimas quedas d'água, grutas e cavernas.

Em quase todas as religiões do mundo, a procura do paraíso está presente, tanto do ponto de vista do ambiente natural, quanto do sacralizado, ao qual se associa a concepção de santuário. A religião é uma busca de coerência e significados para o mundo. O *religare* (religar-se) ao absoluto é uma necessidade de estruturação do pensamento humano que sustente a sua existência. Segundo Tuan (1976), todos os seres humanos são religiosos se a religião é amplamente definida como um impulso por coerência e significação.

A imagem do *paraíso etéreo*, no presente trabalho, predomina nas descrições coletadas de líderes religiosos:

*A gente baseia no que está escrito, que é um lugar
onde não tem fome, doença, morte,
é um lugar de alegria, uma vida de paz...*

(Pastor Oswaldo, líder da Congregação, sobre o paraíso etéreo)

*Existe o céu, onde lá é paraíso, é um lugar que você
vai estar ao lado de Deus, aonde você não vai precisar de nada.
Eu tenho a impressão que é tudo ouro, é tudo muito fino,
você vai estar ao lado da riqueza,
aonde o leão não vai morder a criança, tudo puro!*
(Advaldo, líder da Igreja Batista)

Na grande maioria dos relatos, a beleza do lugar induz a momentos de meditação, onde o ser humano se coloca próximo da natureza, mas o maravilhamento e a grandiosidade do Paraíso em nada se pode comparar ao que se apreende pelos sentidos na dimensão terrena. Inclui-se nessa distinção, a diferença entre animais selvagens no plano terrestre e os antropomorfizados no "céu". Outra dessemelhança diz respeito às características associadas à presença do homem pecador. No *Paraíso*, em tese, só haverá homens santos, o que exclui a existência de conseqüências de ações antrópicas errôneas, como a violência e a fome.

Nem todas as culturas humanas, porém, tem representações sobre o paraíso etéreo, a vida além da morte, o lugar onde ela acontecerá. Segundo Tuan (1980), o Nirvana do budismo é a clara rejeição de tal lugar. Seus templos são freqüentemente construídos em locais de rara beleza, indicando um predomínio da imagem terrena.

O relato de representantes da Igreja Messiânica, cuja filosofia é fundada no pensamento oriental, destoa fundamentalmente da imagem de paraíso apresentada pelas demais crenças, na medida em que busca a sua materialização:

*Será um mundo sem doença, sem miséria e sem conflito,
um mundo **paradisíaco**... Que tenha natureza,
que tenha pessoas saudáveis, com alimentação saudável...*

*Pra chegar nesse ponto de **paraíso**, conscientizando as pessoas
da alimentação natural, o caminho religioso e o belo.*
(líder da Igreja Messiânica, sobre o paraíso terrestre)

O messianismo prega a construção da cidade ideal, onde se pratique a produção agrícola orgânica para subsistência. O líder da Igreja no município descreve-a da seguinte forma: com muito verde, montanha, lago grande (*"importante que tenha água"*) e muita vegetação. Entre as particularidades que chamam a atenção para a cidade ideal está a restrição do trabalho para quatro horas diárias, o restante sendo destinado à atividades culturais e de lazer. Essa disponibilidade de tempo para o gozo do ambiente paradisíaco parece resgatar a perda do usufruto na ocasião em que os bens necessários a sobrevivência eram ofertados generosamente pela terra, antes da expulsão do ser humano do *Éden*.

4.2. Apropriação do Espaço e Topofilia Associados à Imagem do Paraíso

A apropriação do espaço está baseada, segundo Kuhnen (2001) em três fatores: a sensação de pertencer ou não a um determinado lugar; a satisfação residencial relacionada à valorização ambiental e ao investimento afetivo à moradia. Esses aspectos poderiam estar sintetizados no que se conceitua como relação topofílica.

O termo topofilia foi introduzido por Bachelard (1993:19) já em 1957, na edição original da obra *A Poética do Espaço*: *"precisamos examinar imagens bem simples, as imagens do espaço feliz. Nessa perspectiva, nossas investigações mereceriam o nome de topofilia"*. Significa, em síntese, a atração, a ligação do ser humano com o lugar habitado, conceito também apresentado por Tuan (1980), na sua principal obra, homônima do termo.

Quando se potencializa a expressão cultural de um povo no lugar por ele construído, está se intensificando o processo de identificação dele com o meio ambiente gerando, conseqüentemente, uma valoração positiva que, em última análise, é determinante de comportamentos de apropriação e conservacionismo, motivo pelo qual tem importância no contexto de nosso estudo.

De acordo com Bachelard (*op cit*), ao valor de proteção dos espaços amados, ligam-se também valores imaginados, e que logo se tornam dominantes. O espaço percebido pela imaginação é o espaço vivido e não o espaço entregue à mensuração.

A associação da imagem do paraíso a um determinado lugar, o que evidentemente acontece com espaços destinados ao turismo ecológico, influencia positivamente na relação de ligação com o ambiente. Viver num lugar paradisíaco significa, em última análise, ter o privilégio de desfrutar de delícias, acessíveis aos visitantes somente em situações eventuais.

É estar no limiar do contato material com o poder do imaginário, limiar não estático, onde se misturam sensações e devaneios nostálgicos.

As citações dos atores do presente estudo sobre a identificação do lugar com o paraíso indicam sempre a relação do homem com o meio, relação topofílica e de pertença:

*Viver aqui é bom demais... Nós tamos no paraíso aqui...
Olha, dá até emoção de falá, mas se eu perder esse lugar
eu perco metade da minha vida, aqui eu me sinto feliz,
e esse lugar eu não troco por nada...*
(Modesto, antigo morador e proprietário do Buraco das Araras)

*Jardim é o meu lugar, por causa dessa natureza,
desse paraíso né, eu não consigo ficar em lugar só de asfalto.*

(Terezinha, professora)

Quando tô tranqüilo aqui no mato, no rio...

Essa natureza é o paraíso...

(Ramão, descrevendo o momento de paz do seu cotidiano)

A fala do Sr. Modesto é a expressão límpida da topofilia: "...se eu perder esse lugar, perco metade da minha vida". Em pouco difere a intensidade com que o Sr. Modesto descreve seu contato com o ambiente com a do relato de Thoreau (1984) sobre sua experiência nos bosques. Ambos, profundamente enraizados no lugar, experimentam a emoção da interatividade, da pertença. Thoreau explorou, com muita clareza, o que hoje discutimos aqui como construção topofílica. Configurou imagens a partir de dados captados intuitivamente da natureza e permitiu que essa configuração influenciasse o momento do perceber, concordando com a visão idealística de percepção bergsoniana, baseada na via intuitiva de apreensão do real (BERGSON, 1999).

As representações do ser humano sobre um determinado ambiente são determinantes de suas ações sobre ele. A apropriação do espaço desconhecido também é mediada pelo imaginário. Santos (2002: 73) faz uma análise clara da forma como se deu essa apropriação na expansão territorial, à época dos descobrimentos. Destaca a mudança radical da geografia do território conquistado, atribuindo-a ao imaginário dos colonizadores, que buscavam uma extensão da paisagem européia. "A apropriação do desconhecido é, antes de tudo, superá-lo enquanto tal para transformá-lo no conhecido".

O imaginário do *Paraíso* inicialmente predominante parece perder a força significativa diante dos traços topofílicos, associados ao imaginário do espaço habitado. Ao atender às necessidades de intervenção na paisagem paradisíaca, o conquistador restringe o paraíso à dimensão etérea e contenta-se, por vezes, com espaços construídos num padrão de semelhança com este, os jardins. A nova terra continua disponível à descoberta de outras paisagens paradisíacas perdidas, dadas sua grande extensão e características peculiares.

A força da imagem parece estar atrelada, portanto, não prioritariamente à acessibilidade do *Paraíso*, mas à busca incessante do paraíso perdido terrestre, que necessariamente culmina na conquista do paraíso etéreo, onde então se pode desfrutar definitivamente, e descansadamente, dos seus encantos.

Em pouquíssimos casos (02 participantes), que coincidem com migrantes de grandes centros urbanos, é possível detectar aversão ao ambiente local, manifestando a idéia de sua adequação. Outros migrantes estão perfeitamente adaptados ao lugar e demonstram preocupação com a preservação. Em *Jardim*, existem muito migrantes que para lá se locomoveram, inicialmente em busca de contato com a natureza, e que acabaram por ver a possibilidade de associar o bem estar que esse contato proporcionava com o desenvolvimento de suas atividades comerciais. Trouxeram, no entanto, a marca de suas relações topofílicas com grandes centros urbanos, o que sem dúvidas pode representar um determinado risco para a manutenção das características naturais do lugar, o que evidentemente conflita com os interesses dos nativos e dos moradores de longa data, cujos relatos revelam, com frequência, a aversão às características urbanizadas. Nesse contexto, é importante se criar formas de estimular o imaginário do *Paraíso*, como forma de evitar a reprodução das características de paisagem trazidas pelo migrante e turistas, num nível que comprometa o ambiente local.

4.3. Biofilia ou a Atração da Imagem Paradisiaca

Ao efeito dessa interação da imagem com a topofilia, se soma o instinto biofílico, a atração que o ser humano sente pelas outras formas vivas. O termo *biofilia* foi criado por Wilson (1984), biólogo adepto da teoria da evolução, que atribuiu a necessidade emocional do *Homo sapiens* de filiar-se aos outros seres vivos, ao fato de ter sua evolução se dado numa relação íntima com a natureza. Segundo o autor, o desenvolvimento do instinto biofílico depende também da intensidade com que essa relação é experienciada pelo ser humano em formação, sendo que a privação do contato com a natureza pode até resultar em negação psicológica do bem estar que esse contato pode proporcionar e hostilidade para com ambientes selvagens.

A hipótese biocêntrica parece ganhar reforço quando se analisa o imaginário humano sobre o *Paraíso*. Se ela não fosse verdadeira, o ambiente paradisiaco, ambiente considerado ideal pelo ser humano, não conservaria traços tão originais do ambiente natural. Poderíamos dizer, nesse momento, acrescentando aos argumentos que discutimos para justificar a longa sobrevivência do mito do *Paraíso*, que ele persiste porque existe a biofilia. Ela não é simples reforço do mito, mas a base genética e estrutural do mesmo, sem transformá-lo, evidentemente, num efeito puramente instintivo.

Eliade (1991: 09) destaca que em nenhuma situação, a interação do ser humano com o lugar é determinada restritamente à condição animal do humano:

Quando um ser historicamente condicionado (...) deixa-se invadir pela sua parte não-histórica, não é necessariamente para retroceder ao estado animal da humanidade, para descer às origens mais profundas da vida orgânica: inúmeras vezes, ele reintegra pelas imagens e símbolos que utiliza, um estado paradisiaco do homem primordial... Escapando à sua historicidade, o homem não abdica da qualidade de ser humano para se perder na 'animalidade'; ele reencontra a linguagem e, às vezes, a experiência de um 'paraíso perdido'.

No *paraíso terrestre*, pela semelhança que evoca de sua imagem etérea, os seres humanos precisam do contato com os animais, embora aqui eles sejam selvagens, e não antropomorfizados. Além desse apelo do imaginário, o instinto derivado de sua pertença à natureza, familiariza o morador de lugares paradisiacos com seus outros habitantes vivos e satisfaz o visitante, proporcionando-lhe o prazer da total interação e da sensação, ainda que momentânea, de pertença ao natural, ao selvagem.

No seu relato sobre sua experiência de isolamento e contato com a natureza em *Walden*, Thoreau (1984: 197) revela sua total e prazerosa integração com o selvagem, atribuindo-a as suas experiências passadas. Em vários momentos seu relato, revela a influência do instinto biofílico: *"agrada-me algumas vezes agarrar a vida cruamente e passar o dia ao jeito dos animais... (...)De repente, me vi vizinho dos pássaros; não por ter aprisionado um, mas por ter me engaiolado perto deles"*. (id, p.88). Mais que esse contato com o real da natureza, ele deixa implícita a eterna exploração que faremos aos seus mistérios e encantos, subsidiados pelo nosso imaginário: *"Precisamos do tônico da natureza selvagem... Ao mesmo tempo em que buscamos com ardor explorar e aprender todas as coisas, exigimos que todas as coisas sejam misteriosas e inexploráveis, que a terra e o mar sejam infinitamente primitivos, refratários a nossos exames e sondagens porque insondáveis."* (id,p.288) .

A presença de abrigos é marcante nas descrições do *paraíso terrestre*. A necessidade do ser humano de se sentir protegido também pode ter seu fundamento biológico (instinto de defesa) atrelado aos símbolos que são associados ao refúgio. Para Bachelard (1993: 74), reconfortamo-nos ao reviver lembranças de proteção, lembranças de ambientes fechados: "*é bastante surpreendente que mesmo na casa clara a consciência do bem-estar recorra às comparações com o animal em seus refúgios... O bem estar devolve-nos à primitividade do refúgio. Fisicamente, o ser que acolhe o sentimento do refúgio fecha-se sobre si mesmo, retira-se, encolhe-se, esconde-se, entoca-se*". É interessante destacar que os abrigos não estão presentes da mesma forma nos paraísos etéreos. Talvez possamos associar essa particularidade ao fato desse ambiente ser compartilhado com animais antropomorfizados e com seres humanos justos, que não ofereceriam riscos, o que dispensa a necessidade de defesa. Abrimos aqui um parênteses para evidenciar o fato do paraíso terrestre estar sempre associado a isolamento, a presença de poucas pessoas, enquanto que, no plano etéreo, o padrão comunitário entre homens desprovidos de imperfeições e maldades, é perfeitamente adequado.

A verticalidade envolvente do abrigo parece ter a mesma função protetora da verticalidade das montanhas, freqüentemente associadas ao *paraíso terrestre*. No *paraíso espiritual*, onde não há riscos, a imagem da planície é plenamente aceitável, estando presente inclusive no termo que o define (*Éden*). A interpretação dessa diferença não se finda nessa análise, uma vez que o significado de finitude e de infinitude, entre outros, podem também ser aplicados.

Outro fator que surge em alguns discursos e representações gráficas do *paraíso espiritual* é a ausência de formas definidas. Bachelard (*op cit*), inspirado no idealismo, destaca a importância da ilusão de mobilidade como um caminho para a imaginação, ao explorar a fluidez da água. A mobilidade estimula a fluidez da imaginação, superando o materialismo inspirado pelas coisas sólidas. O objeto, quando desprovido de formas imóveis e inertes, que limitam o devaneio, dissolve-se em imagens suavemente fluidas que estimulam a imaginação.

À ausência de formas, se associa, em alguns casos, o colorido e a claridade, características também atribuídas com freqüência ao paraíso etéreo. A cor é representativa da riqueza da fantasia que avança além do limite da materialidade, da forma estática. "*Uma vez tocados pela graça da superimaginação, experimentamo-la diante das imagens mais simples pelas quais o mundo exterior vem dar ao côncavo de nosso ser espaços virtuais bem coloridos*" (BACHELARD, *op cit*, p.229). É compreensível que o colorido se aplique às imagens do paraíso inalcançável, uma vez que se fixa exatamente no limiar da possibilidade do real sensível, à uma distância corporeamente intransponível. Para Santos (2002), a fantasia amplia-se quase que na ordem direta da distância.

Depreende-se também dos relatos, a relação do ser humano com a terra na busca de matéria de subsistência. Dentre as perdas sofridas pelo ser humano na expulsão do *Paraíso*, se destaca a da fartura ofertada pela natureza para a necessidade de cultivar a terra, o que significa, entre outras coisas, a falta de tempo para o usufruto das delícias do ambiente. Em nossos dias, a busca por ambientes ditos paradisíacos pressupõe a entrega ao lúdico, à diversão, à sensação de pertença. Porém, as pessoas que optam pela fixação nesses ambientes, apontam para o prazer de contato com a natureza e com o solo nas atividades de cultivo. Também nessa situação, a biofilia se expressa na relação direta com a coisa viva.

4.4. A Água

O imaginário de *Paraíso*, qualquer que seja sua origem e diferenças entre culturas diversas, trazem alguns traços comuns muito fortes, dos quais se destaca o componente água. Esse elemento é uma das características citadas com maior frequência nos relatos. No lugar de nossa pesquisa, essa associação ganha uma força especial, por ser o bem natural de maior exuberância e riqueza:

Aqui, no Rio da Prata, é o paraíso, maravilhoso.
(Antonio Candelária, professor)

*As belezas naturais, nosso rio Prata que vale a pena conferir,
é muito bonito. A lagoa misteriosa... Um paraíso!*
(Antonio Ângelo, professor)

A água está presente, em grande importância, desde o início das civilizações ocidentais, representadas pelo *Nilo* no *Egito*, e por *Tigre* e *Eufrates* na *Mesopotâmia*. No livro bíblico de *Gênesis*, um rio, cuja nascente se localiza no *Éden*, é descrito como artéria viva que se divide para regar as regiões do mundo. "*Um rio saía do Éden para regar o Jardim*" (Gn 2, 10).

As representações sobre a água são tão ricas como as do ambiente paradisíaco onde ela tem origem, e se compõem de diversos aspectos, discutidos por Bachelard (1997): a forma como a água se destaca dos demais elementos; a água como motivador da imaginação; a capacidade de manutenção do equilíbrio após eventuais perturbações; a geração do belo e da sensação de paz; a receptividade e miscibilidade envolvente; a maleabilidade e a sonoridade.

A imersão na água se relaciona tanto com a purificação, quanto com a regressão ao pré-formal, a reintegração no modo indiferenciado da pré-existência, justificando a simbologia do renascimento associada à emersão. Eliade (1991) concorda também com Bachelard, ao desapropriar a água da solidez das formas, colocando a imersão como momento de participação nessa dissolução formal, atrelando a emersão à representação da reconfiguração de novas formas.

5. Considerações Finais

Thoreau (1984: 129), se coloca em estado de graça quando descreve sua relação com a natureza: "*eu me conscientizava, de modo tão inconfundível, da presença de algo aparentado a mim, mesmo nos cenários que costumamos chamar de selvagens e tristes*".

Vemos nessa descrição a comunhão, a que antes nos referimos, entre instinto biofílico, liberdade da imaginação e entrega ao apelo nostálgico. E não seria então, dessas três poderosas dimensões, que se dá o impulso do humano? *Bios*, intelecto e emotivo na ordem unificadora da complexidade.

O imaginário do *Paraíso*, enquanto catalisador de interações nostálgicas, caracterizadas pelo encantamento da sensação de pertença, representa mais um instrumento para atividades de sensibilização ambiental. A busca de contato com a natureza já é um hábito frequente em *Jardim*. É importante que se estimule esse

contato, criando situações, onde não apenas se forneça conhecimento sobre o bioma local, prática freqüentemente detectável nas ações educativas, mas se criem condições para a liberação do instinto biofílico, da apreensão do lugar pela sinestesia dos sentidos e da imaginação enriquecedora da experiência.

A associação da imagem do *paraíso terrestre* com a paisagem do lugar tem sido explorada, a exemplo do que ocorre com outras cidades turística, para atrair pessoas movidas pelo imaginário da busca do paraíso perdido. O usufruto dos bens disponíveis nesse '*paraíso*' pelos moradores e nativos, ancorado na sua relação topofílica com o lugar, deve ser considerado, no intuito de se evitar mudanças indesejáveis na paisagem, advindas da apropriação do espaço por visitantes e novos migrantes. Isso pode ser viabilizado por uma democratização do planejamento de desenvolvimento local, vislumbrando um modelo de desenvolvimento sustentável, que inclui a preocupação com o elemento sócio-cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AOUN, Sabán. **A Procura do Paraíso no Universo do Turismo**. Campinas: Papirus, 2001.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BACHELARD, Gaston. **A Água e os Sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BERGSON, Henry. **Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Bíblia Sagrada, 31aed. São Paulo: Ave Maria, 1981.

BRANDÃO, Carlos (org) **Repensando a Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CASSIRER, Ernest. **A filosofia das formas simbólicas**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2001.

CASTORIADIS, Cornelius. **Feito e a ser feito: as encruzilhadas do labirinto V**. Rio de Janeiro: DP&A., 1999.

DINES, Alberto. *Por uma nova visão do Paraíso*, **Pau Brasil**, 1(1): 10-14, 1994.

ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. 8aed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

KUHNEN, Ariane. **Representações Sociais de Meio Ambiente - estudo das transformações, apropriações e modos de vida na Lagoa da Conceição**. Florianópolis/SC: UFSC. (Tese de doutoramento), 2001.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. 2aed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A natureza: notas: cursos no Collège de France**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

QUEIROZ, Marcia. *Relatos orais: do "indizível" ao "dizível"*. In: Von SIMSON, O.R.de M. **Experimentos com Histórias de Vida (Itália-Brasil)**. São Paulo: Vértice, 1988, pp.14-42.

SANTOS, Douglas. **A Reinvenção do Espaço: diálogos em torno da construção do significado de uma categoria**. São Paulo: EDUNESP, 2002.

THOREAU, Henry David. **Walden e a Vida nos Bosques**. São Paulo: Global, 1984.

TUAN, Y. *Humanistic Geography*. In: **Annals of the Association of American Geographers**, 66(2): 66(2):226-276, junho, 1976.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**. São Paulo: DIFEL, 1980.

WILSON, Edward. *Biophilia and the conservation ethic*. In: KELLERT, S.R; WILSON, E.O. **The Biophilia Hypothesis**. Washington: Island, 1993, p.31-41

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES

[\(VOLTAR AO TEXTO \)](#)

Andréia Aparecida Marin

Doutoranda em Ecologia e Rec. Naturais pela UFSCar, Pesquisadora Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul; Analista em Ciência e Tecnologia da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Goiânia/GO.

aamarin@bol.com.br

Haydée Torres Oliveira

Doutora em Ciências da Eng. Ambiental pela USP (1993); coordenadora da CEMA/UFSCar - Coord. Especial para o Meio Ambiente (1996-1998), e do PEAM/CEMA/UFSCar - Programa de Educação Ambiental (1996-2000); professora do Depto. Hidrobiologia da UFSCar, do PPG Ecologia e Rec. Naturais/UFSCar e do PPG Ciências da Eng. Ambiental/EESC/USP; membro da comissão de PG do PPG Ciências da Eng. Ambiental/EESC/USP, do Comitê da Bacia Hidrográfica do Tietê-Jacaré e da REBEA (Rede Brasileira de Ed. Ambiental) e da REPEA (Rede Paulista de Ed. Ambiental).

haydee@power.ufscar.br

Vito Comar

Doutor em Eng. de Alimentos, enfoque em Eng. Ecológica e Contabilidade Ambiental pela UNICAMP, professor visitante da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul e coordenador do Programa de Avaliação Ambiental Estratégica para o Gás Natural em Mato Grosso do Sul.

vito@uems.br

SUMÁRIO

OLAM - Ciênc. & Tec.

**Rio Claro
ISSN 1519-8693**

Vol 3

**nº 1 p. 286 - 308
www.olam.com.br**

Setembro / 2003